

USO DE ANTIDEPRESSIVO E DOENÇA PERIODONTAL

¹LUIZA Z.V. CUNHA; ² ANDRE RIZZATTO; ³ DAYSE VON MEUSEL; ⁴ LILIAN RIGO

1. Graduanda do Curso de Odontologia, Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo, Brasil. Bolsista FAPERGS. luizazamp1612@gmail.com

2. Cirurgião-dentista pela Faculdade Meridional, IMED, Passo Fundo, Brasil. andre.rizzatto@hotmail.com

3. Professora do Curso de Odontologia, IMED, Passo Fundo, Brasil. dayserita@yahoo.com.br

4. Professora do programa de Mestrado em Odontologia, Faculdade de Odontologia, IMED, Passo Fundo, Brasil. lilian.rigo@imed.edu.br

1 Introdução

A doença periodontal (DP) pode ser definida como um processo patológico que afeta os tecidos de proteção e sustentação dos dentes. Possui alta prevalência em adultos, caracterizando-se como uma doença inflamatória crônica, que tem como principal agente etiológico as bactérias anaeróbicas (CHOlet al., 2018; MOREIRA et al., 2018). Muitos estudos apontam que existem importantes correlações entre a depressão e a doença periodontal, independente da higiene dental do indivíduo (ROSANIA et al., 2009). Dessa forma, a depressão tem sido tema frequente na área da saúde nas últimas décadas onde já chamada de “o mal do século” (TEODORO, 2010). Tem caráter multifatorial, pois, vários fatores de risco estão associados a sua progressão e severidade, tais como: fatores sistêmicos, ambientais, comportamentais e a composição genética do indivíduo. Evidências científicas descrevem que drogas antidepressivas podem ocasionar graves efeitos colaterais no organismo, afetando também na saúde periodontal (PERUZZO et al., 2007). O objetivo deste estudo foi verificar a prevalência de doença periodontal e o grau de severidade em dois grupos de pacientes (os que usam medicamentos antidepressivos e os que não usam) que frequentaram a Clínica Odontológica de uma Faculdade do sul do país.

2 Metodologia

O presente estudo teve uma abordagem quantitativa do tipo descritivo composto por 165 pacientes adultos divididos em dois grupos: grupo 1: 55 indivíduos que fazem uso de medicamentos antidepressivos e Grupo 2: 110 indivíduos sem uso de antidepressivos, escolhidos aleatoriamente por buscaram atendimento odontológico nos meses março a junho de 2018. Para a coleta de dados foram feitos exame anamnésico e exame periodontal, utilizando o índice de placa visível (IPV), o índice de sangramento gengival (ISG), a profundidade de sondagem e sangramento ou exsudato (PS) e o nível de inserção (NI), que determinaram a presença e gravidade da doença periodontal.

3 Resultados e Discussão

Dos indivíduos avaliados, em relação aos pacientes que tomavam antidepressivos, 45 (85%) eram mulheres e 10 (15%) eram homens. Resultados mostraram que 4% dos indivíduos que usavam antidepressivos não tinham doença periodontal, 13% possuíam gengivite, 31% periodontite leve, 25% periodontite moderada e 27% periodontite grave. Dos pacientes que não tomavam medicamentos, observou-se que 23% dos indivíduos eram saudáveis, 33% possuíam gengivite, 22% periodontite leve, 14% periodontite moderada e 8% periodontite grave. A ocorrência de alterações na saúde periodontal dos indivíduos em tratamento da depressão vem sendo discutida a muito tempo. Neste estudo foram avaliadas as condições periodontais dos pacientes, semelhante ao estudo de Alkan et al. (2015), onde os resultados também mostraram que quanto maior a prevalência de depressão, menor a frequência de escovação e pior a saúde periodontal. Os resultados demonstraram uma alta frequência de periodontite entre os indivíduos que faziam o uso de algum medicamento antidepressivo, semelhante ao estudo realizado por Cunha (2016), onde 56,8% da amostra demonstraram prevalência de periodontite em pacientes que possuíam transtorno afetivo bipolar. Destes, foi constatado que 31% possuíam periodontite leve, classificada como perda de nível de inserção era de 2 mm, (25%) estavam com periodontite moderada, quando a perda de nível de inserção era até 4 mm e (27%) possuíam periodontite grave, caracterizada quando a perda de nível de inserção era maior que 5 mm. Pacientes com gengivite, que é a doença periodontal em que não ocorre perda de inserção e se não tratada adequadamente evolui para periodontite, compuseram 15% da amostra do grupo caso Cunha (2016). No estudo feito por Barbosa et al. (2018) foi constatado sangramento gengival prevalente em 67,7% dos participantes, deduzindo-se que a maioria dos pacientes com sintomas depressivos possuíam no mínimo gengivite.

4 Conclusões

O presente estudo demonstrou que indivíduos que fazem uso de algum medicamento antidepressivo apresentaram uma alta prevalência de periodontites, forma de doença periodontal mais grave, quando observados os indivíduos que não fazem uso desse medicamento. O uso de medicamento antidepressivo pode ser um provável fator de risco para o desenvolvimento e agravamento da doença periodontal.

5 Agradecimentos

À Fundação de amparo à pesquisa do estado do Rio Grande do Sul-FAPERGS por financiar e conceder uma bolsa de iniciação científica.

Referências Bibliográficas

ALKAN, A. et al. Relationship Between Psychological Factors and Oral Health Status and Behaviours. **Oral Health & Preventive Dentistry**, v. 13, n. 4, p. 331-339, 2015.

BARBOSA A. et al. Association between symptoms of depression and oral health conditions. **Special Care Dentistry Association and Wiley Periodicals, Inc.**, v.1-8, 2018.

CHOI I. et al. Periodontitis is associated with rheumatoid arthritis: a study with longstanding rheumatoid arthritis patients in Korea. **The Korean Journal of Internal Medicine** v. 31, n. 5, p. 977-86, 2016.

CUNHA, F, A., et al. Prevalência de periodontite em indivíduos com transtorno afetivo bipolar: um estudo transversal. **Revista debates em psiquiatria**, p.14-25, 2016.

Moreira V et al. Interrelação entre doença periodontal crônica e disfunção erétil – revisão de literatura. **Revista da academia brasileira de odontologia**, v27, n. 1, p.42-47, 2018.

ROSANIA, A, E. et al. Stress, Depression, Cortisol, and Periodontal Disease. **Journal of Periodontology**, v. 80, n. 2, p. 260–266, 2009.

Teodoro W L G. Depressão: corpo, mente, alma. 3ed. Uberlândia, 2010.